

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Letras
Departamento de Ciência da Literatura
Graduação

Edição crítica de “O Espelho” de Machado de Assis

Rio de Janeiro

2022

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Letras
Departamento de Ciência da Literatura
Graduação

Edição crítica de “O Espelho” de Machado de Assis

Bárbara Pereira da Silva

Monografia apresentada ao departamento de Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro para obtenção da licenciatura em Letras.

Orientador: Carlos Pires

Rio de Janeiro

2022

Bárbara Pereira da Silva

DRE: 114161819

Edição crítica de “O Espelho” de Machado de Assis

Monografia apresentada ao departamento de Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro para obtenção da licenciatura em Letras.

Data de avaliação: ____/ ____/ ____

Banca Examinadora:

_____ NOTA: _____

Nome completo do Orientador + titulação + instituição a que pertence

_____ NOTA: _____

Nome completo do Leitor Crítico Prof. + titulação + instituição a que pertence

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores: _____

Agradecimentos

Gostaria de utilizar esse espaço para agradecer o apoio de algumas pessoas que foram essenciais para que esse documento pudesse ser feito.

Primeiramente, agradeço ao meu orientador Carlos Pires pela paciência, disponibilidade e receptividade ao longo da elaboração da monografia, sempre mostrando-se muito respeitoso e atento ao que eu gostaria de relatar e buscando utilizar a melhor maneira para enriquecer a pesquisa.

Logo após, agradeço aos meus pais e amigos pela força e incentivo durante todo o processo, em momentos difíceis foram as principais peças que me fizeram continuar resiliente.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer ao poder divino por me possibilitar enfrentar diversas batalhas e mesmo assim conseguir encontrar fé e força para manter os meus objetivos.

Resumo

O trabalho busca fazer um breve balanço da crítica sobre o conto “O espelho”, de Machado de Assis, e realizar uma edição crítica por meio da comparação de suas diferentes versões. O estudo divide-se em duas partes: a primeira consiste em uma curta apresentação do autor e um breve balanço das críticas sobre o conto, com o intuito de situar alunos de graduação e pessoas com pouca familiaridade com o escritor, e a segunda em uma comparação entre as diferentes versões de “O espelho” com alguns apontamentos relacionados às mudanças das edições.

Sumário

1.0 - Introdução:	7
2.0 - Machado de Assis: breve biografia	8
2.1 - Papeis Avulsos	9
2.2 - “O espelho”	11
3.1 - Edição Crítica do conto “O Espelho”	15
4.0 - Considerações finais	31
Referências Bibliográficas	32

1.0 - Introdução:

A escolha de um assunto para o encerramento da graduação não se mostra uma tarefa fácil. Ao longo do curso os discentes são expostos a muitos textos, autores, temas e todos marcam de alguma maneira nossa trajetória acadêmica. Existem, no entanto, aqueles momentos em que acontece uma identificação imediata, e, nesse instante, geralmente, que se começa a pensar na pesquisa que marcará o final dessa etapa.

Machado de Assis, o autor deste trabalho, é quase uma unanimidade no cenário literário brasileiro, e é, também, responsável por obras muito debatidas e lidas. Em cada nova leitura é possível identificar novos problemas e questões e desse processo existe um acúmulo de interpretações raro na literatura brasileira. Machado, também, atuava em diversos âmbitos. Sua formação em jornais e revistas foi fundamental para forjar sua ampla capacidade de comunicação, em muitos gêneros, e seu vasto repertório. Sobre essa amplitude de assuntos e práticas, vale retomar o que foi dito por Hélio de Seixas Guimarães em sua tese sobre Machado e seus leitores e sua atuação naquele contexto:

[...]Ao transformar a frustração de expectativas e as dificuldades de atingir o público em matéria de uma produção ficcional que a todo tempo questiona sua capacidade de comunicação e até mesmo sua possibilidade de sua existência, Machado de Assis não estava apenas colocando sua obra em pé de igualdade com a melhor produção de sua época; ao procurar os sentidos dessa "coisa nova, metafórica, original", ele também antecipava questões que seriam incorporadas aos estudos literários muitos anos depois que o cronista, montado num bonde no Largo da Carioca, fazia cogitações sobre quem é o leitor e qual sua participação no processo literário [...] (GUIMARÃES, 2001, p.14).

Segundo o crítico, que investigou a recepção de Machado de Assis, é inegável o legado deixado por ele em suas diferentes publicações. Sejam romances, contos ou crônicas, o autor conseguia, e consegue até os dias de hoje, inquietar o leitor e provocar sentimentos conflitantes.

Algo impressionante é como os seus textos parecem ao mesmo tempo atemporais e fruto de um contexto marcadamente fluminense. Vale lembrar que Machado é um escritor quase que completamente do século XIX - morreu, como é sabido, no começo do XX - e, mesmo assim, é possível encontrar muitas questões comuns aos séculos XX e XXI. Isso gera o questionamento, Machado de Assis era tão visionário assim ou a

sociedade brasileira pouco se transformou desde a criação dos seus textos? Talvez a melhor resposta seja uma mistura dos dois fatores.

2.0 - Machado de Assis: breve biografia

Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839, no Morro do Livramento, próximo ao centro do Rio de Janeiro. Ainda criança perdeu a mãe e uma irmã, anos mais tarde também perdeu o pai. Foi criado pela madrasta e logo cedo mostrou certa inclinação para as letras. Aos 15 anos começou a publicar poesia na *Marmota Fluminense*, jornal bissemanal publicado no Rio de Janeiro nos anos de 1849 até 1861, e no ano seguinte entrou para a Imprensa Nacional como aprendiz de tipógrafo, assim passou a colaborar em diversos jornais e revistas.

Ao longo da década de 1870, o autor publicou cerca de 4 romances, porém seu grande sucesso como romancista se deu através de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881, no ano seguinte Machado publicou uma de suas principais coletâneas de contos, que recebeu o nome de *Papéis Avulsos*, vale destacar ainda que ao longo de dezesseis anos escreveria mais de quatrocentas crônicas para a *Gazeta de Notícias*, periódico publicado no Rio de Janeiro circulado entre agosto de 1875 e 1942, e escreveria também outro grande romance em 1889 denominado *Dom Casmurro*. Outro grande marco da história do autor foi a fundação, junto de outros escritores, da Academia Brasileira de Letras, onde tornou-se presidente no ano de 1897 e permaneceu por mais de 10 anos com tal cargo.

No dia 29 de setembro de 1908 morreu, aos 69 anos de idade, aquele que se tornou um dos grandes nomes da literatura brasileira e mundial, considera-se que Machado esteve presente em praticamente todos os gêneros literários e por isso torna-se difícil pensá-lo exclusivamente como um romancista, contista, dramaturgo, poeta, cronista etc.

2.1 - Papeis Avulsos

O livro *Papéis Avulsos* em que foi publicado o conto “O espelho” foi lançado no fim de 1882, em um momento considerado pela crítica como o começo de sua maturidade literária. Todos os contos desse livro apareceram antes em publicações de jornais e revistas. Junto de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o livro marcou uma mudança no estilo, na narração e nos assuntos abordados pelo autor¹. A coletânea reúne 12 contos escritos por Machado de Assis e apresenta textos conhecidos por circularem em antologias escolares como “O Alienista” e “Teoria do medalhão”.

Uma primeira leitura do título do livro pode causar a ideia de que se trata de um conjunto de contos soltos e que não se relacionam um com o outro, porém uma consideração feita pelo próprio autor na “Advertência” que antecede os textos apresenta uma perspectiva distinta:

“Este título de Papéis Avulsos parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor coligiu vários escritos de ordem diversa para o fim de os não perder. A verdade é essa, sem ser bem essa. Avulsos são eles, mas não vieram para aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família, que a obrigação do pai fez sentar à mesma mesa” (ASSIS, 2011, p.37).

Machado pouco depois de lançar a coletânea, em 1883, escreve a Joaquim Nabuco apresentando uma versão em alguma medida semelhante sobre a constituição de seu livro de contos: [...] *Papéis Avulsos, em que há, nas notas, alguma coisa concernente a um episódio do nosso passado: a Época. Não é propriamente uma reunião de escritos esparsos, porque tudo o que ali está (exceto justamente a Chinela Turca) foi escrito como fim especial de fazer parte de um livro. Você me dirá o que ele vale. [...]* (ASSIS, 2003, p. 94-5)

O livro, pelo que declara o autor, foi de fato tramado, pensando em seu conjunto. Uma leitura que pode confirmar a “Advertência” e a carta a Nabuco é feita pelo pesquisador de estudos brasileiros da Universidade de Liverpool John Gledson. Para ele,

¹ Roberto Schwarz em seu texto *A vira volta machadiana* (2004) analisa o percurso da obra de Machado de Assis e destaca os principais pontos de mudança em sua escrita e como o autor transformou a literatura brasileira escapando de padrões de época nacionalistas e românticos.

ao escrever *Papéis Avulsos*, Assis navega no mundo da ficção e do experimento do absurdo.

“[...]Essa experimentação é, sobretudo, um jeito de lidar com o contraste entre realidades brasileiras, teorias europeias e os modelos ficcionais que estas engendram. Esses enredos disparatados são, no fundo, uma recusa de dignificar realidades locais situando-as prematuramente num contexto ideológico em que não cabem. [...] A conexão íntima entre fatos e acontecimentos e experimentação mais ou menos extrema, é uma chave da unidade e da forma de *Papéis avulsos*” (GLEDSON, 2011, p. 13)

Partindo da reflexão de Gledson e da leitura do livro pode-se dizer que o autor lança mão da ficção e de situações fora do normal e do real, presentes nos contos, para identificar atitudes e comportamentos sociais e individuais do seu contexto mais imediato. O livro é um compilado de contos que apresentam, muitas vezes, a contradição entre o parecer e o ser, entre a autoimagem dos personagens e o que eles são na prática, sempre destacando a sedução que a aparência exerce sobre o homem.

Papéis avulsos, como dito, é considerado um marco da fase considerada madura do escritor. Nessas obras ele aprofunda o uso das ironias, o que cobra do leitor, muitas vezes, uma atenção crítica, e deixa em evidência outras características que o tornaram uma grande referência da literatura mundial²: o humor sutil, o pessimismo, a crítica social que revelam segredos conscientes e inconscientes de uma sociedade conflituosa.

“[...] Os narradores machadianos, sempre passíveis de questionamento, utilizam esse artifício largamente, para abordar os temas mais sensíveis, de uma forma que a narrativa dê a sensação ao leitor de que ele está tendo contato com algo corriqueiro, mas que ao final quase sempre acaba por se revelar mais denso do que a avaliação feita inicialmente. Esse jogo de inteligência é central nas narrativas de Machado de Assis, principalmente após 1880”[...]. (MACHADO, 2017, p. 19)

Ricardo Batista Machado, que investigou especificamente os *Papéis Avulsos*, apresenta a forma como Assis soube estabelecer uma linguagem sofisticada para elaborar sua obra e, dessa maneira, constituir a unidade entre os contos presente na coletânea não por meio de aspectos temáticos, já que são, com efeito, muito diferentes entre si, mas em uma fina elaboração estilística.

² Harold Bloom, professor e crítico literário estadunidense, considera Machado de Assis o maior escritor negro da literatura mundial. Em seu livro *Gênio- Os 100 Autores mais Criativos da História da Literatura*, 2008, Bloom exalta a genialidade e originalidade do autor brasileiro, destacando as características que tornam Machado tão relevante no cenário literário.

2.2 - “O espelho”

Originalmente publicado na *Gazeta de Notícias*, em 8 de setembro de 1882, “O espelho” tornou-se um dos contos mais conhecidos e estudados de *Papéis avulsos*. Muitas foram as leituras e comentários feitos sobre ele. Um ponto em comum entre os diversos estudos, no entanto, é o toque fantástico que o autor propõe ao longo da leitura: um espelho que de certa forma mostra uma imagem distorcida e ilusória desperta a curiosidade para uma análise mais profunda de toda uma realidade social. Não foi a primeira vez, nem a última, que um espelho aparece como um objeto responsável pela imagem difusa e distorcida da realidade, Oscar Wilde poucos anos depois, em 1890, também usa desse artifício para mostrar o conflito vivido pelo polêmico Dorian Gray.

O conto de Machado inicia-se em um cenário aparentemente comum, onde uma conversa entre cavalheiros torna-se uma reflexão sobre a existência humana e suas particularidades. Protagonista do conto, Jacobina, que até então pouco falou, inicia uma extensa teoria na qual explora a ideia de existirem duas almas em cada ser humano, e tal afirmação deixa os demais presentes confusos, pois não é algo possível, para eles, de ser imaginado. A partir disso Jacobina relata momentos vividos por ele que comprovariam tal teoria da alma humana. [...] *Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro pra fora, outra que olha de fora para dentro...Espantem-se á vontade; podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo [...]* (ASSIS, 2011, p.209).

O grande conflito vivido pelo personagem acontece quando esse, ao ser nomeado alferes da guarda nacional, se depara com uma mudança na forma como era visto pelos demais. O título militar, ao que parece, lhe deu mais relevância e importância aos olhos das pessoas. Um exemplo destacado por ele foi o presente dado por sua madrinha D. Marcolina, um grande espelho imponente e bem diferente da mobília da casa, que se torna talvez o outro grande protagonista do conto, pois é o objeto que faz com que Jacobina questione constantemente quem ele é de fato. A ideia de que o homem precisa olhar para dentro de si próprio a fim de conhecer-se organiza em certa medida a narrativa.

[...] O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse á outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, mudou de natureza e passou a ser a

cortesia e os rapapés da casa, tudo o que falava do posto, nada que me falava do homem.
[...] (ASSIS, 2011, p.214).

Em uma leitura do conto em questão, Antônio Marcos Vieira Sanseverino, em seu artigo “*O Espelho: Metafísica da Escravidão Moderna*”, traz uma reflexão social ainda mais inquietante. Jacobina passa a ter o espelho como única companhia após ficar isolado no sítio de sua madrinha devido a fuga de escravos que estavam ali presentes, e que constantemente reforçavam a “relevância” do alferes, da figura de autoridade. O artigo de Sanseverino recupera as leituras feitas por diversos estudiosos como Augusto Meyer, Raimundo Faoro, Alfredo Bosi, Abel B. Baptista e John Gledson que constituíram distintas interpretações do conto. No entanto, a ideia de que o meio externo é um grande influenciador é comum entre os críticos, embora esses considerem de maneira distinta os motivos da distorção de imagem, ou da aparência em jogo. A figura do alferes só era possível quando Jacobina tinha pessoas presentes que reforçavam essa projeção. Ao deparar-se com a solidão, ele não sabe quem de fato é, fica em um vazio entre o homem e o título.

[...] “Ora, um dia o alferes ficou só naquele sítio, abandonado pelos escravos, sozinho como Robinson Crusó numa ilha de silêncio. E em vez de um coro de elogios, ouvia o “cochicho do nada”. E o grande espelho de seu quarto, espelho antigo, refletia um fantasma em vez do alferes, um vulto espantado e desconhecido que imitava os seus gestos com medrosa surpresa. (SANSEVERINO, 2010, p.105 – apud Augusto Meyer)

Levando em conta as afirmações feitas até aqui, é possível dizer que “o espelho” problematiza em alguma medida a perspectiva dos papéis sociais que se impõe como a realidade que o personagem gostaria de viver, a necessidade da farda vem, talvez, do indivíduo insatisfeito consigo mesmo, ou carente de outra ancoragem para identidade que não passe pelo título e pela hierarquia. Essa necessidade de uma afirmação externa apresenta Jacobina como alguém que não se reconhece como ser humano. Na solidão, a perda do reconhecimento traz, na chave irônica que o autor estabelece, a “diminuição da alma”, ou o seu desaparecimento mesmo.

O processo de regressão que a solidão traz põe em risco seu papel social. A farda representa, claro, esse papel e, ao se deparar com a imagem refletida no espelho que não apresenta esse papel, Jacobina acredita ter duas almas existentes em seu corpo, uma que lhe traz reconhecimento, prestígio, poder e outra que mostra o ser humano em sua forma

mais, digamos assim, básica, como um rapaz comum. Com tons fantásticos, o espelho se torna uma espécie de embate subconsciente, irônico, da consciência do personagem.

A dualidade humana não é algo palpável, não se manifesta de forma física ou real. A metáfora irônica utilizada por Jacobina talvez seja a que melhor demonstre na prática essa percepção. Ao comparar a vida humana a uma laranja o personagem deixa claro que o que temos por dentro não é necessariamente o que se pode ver exteriormente, mas ao mesmo tempo só somos completos com as duas partes coexistindo:

“Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; (ASSIS, 2011, p.210).

3.0 - Versões de um mesmo conto.

O estudo da literatura muitas vezes encontra um problema que pode funcionar como um aliado significativo para a compreensão de um texto: as diferentes versões e adaptações das obras literárias. Investigar como um determinado texto se consolidou fornece pistas significativas em relação às construções de seus sentidos. Nessa sessão e na que sucede o objetivo é comparar e analisar diferentes versões do conto “O Espelho” e entender como o texto foi estabelecido ao longo dos anos.

Publicado pela primeira vez em 1882 como folhetim, “O espelho” tornou-se, como apresentamos, uma obra bastante estudada de Machado de Assis e muitas foram as impressões e reimpressões do conto. O estudo comparativo entre essa primeira versão da Gazeta de Notícias e outras versões até a que usamos como limite, a de 2011 publicada pela Penguin e Companhia das Letras, busca apontar as diferenças e verificar essas modificações. Numa tentativa mais clara de mostrar tais pontos, alguns trechos do conto serão expostos lado a lado para uma melhor visualização e entendimento das versões.

Apresentando brevemente o que encontramos, o principal ponto, e talvez o mais evidente, é a diferença gráfica e estrutural do texto. Em sua primeira versão o conto possui construções e ortografias que não são mais utilizadas na forma atual da língua portuguesa. Mas, para nossa grande surpresa, no que se refere aos outros aspectos do conto, as modificações foram quase nulas, a história se manteve praticamente a mesma, diferentemente de “O Alienista”, por exemplo, do mesmo autor e do mesmo *Papéis Avulsos*, que sofreu alterações consideráveis por algumas versões até o texto finalmente se consolidar no formato atual.

Na análise feita aqui pode-se dizer que de certa forma a escrita reforça a genialidade e perspicácia do autor, pois um texto escrito em 1882 é, no essencial, praticamente o mesmo de 2011, como mostraremos adiante.

3.1 - Edição Crítica do conto “O Espelho”

Ao se pensar em evolução e renovação dos textos literários é importante destacar um campo que se dedica extensivamente à conservação de histórias e textos, campo esse chamado de Filologia. Na elaboração de uma edição crítica é essencial entender também o trabalho filológico e como ele se manifesta. Sobre a Filologia, Marlene Gomes Mendes afirma o seguinte:

A Filologia é uma ciência que apresenta objeto, métodos e conclusões. É uma ciência histórica, porque trabalha com documentos, e tem como processo a crítica. Apresenta um conjunto de verdades solidamente estabelecidas, que se mesclam e formam um sistema que possibilita o estudo de uma língua, em toda a sua amplitude, no tempo e no espaço. Também tem por finalidade fixar, interpretar e comentar textos. (MENDES, 2015, p.17)

Ainda sobre o trabalho do filólogo, Cardim aponta: *A dificuldade deste trabalho é decorrente de uma dupla operação: por um lado, o filólogo expõe e interpreta um espetáculo, por outro, ele precisa fazer o que estiver ao seu alcance para que o espetáculo não se perca.* (CARDIM, 2021, p.16). Ao sinalizar essa dificuldade entende-se melhor o quão metódico e cuidadoso deve ser o trabalho do filólogo, já que ele deve ter uma visão elaborada do texto para que consiga trabalhá-lo sem que isso interfira no texto original e acabe alterando seu conteúdo.

A partir disso, entende-se que a edição crítica ou a também chamada de crítica textual é a responsável por reproduzir o texto de forma mais fiel possível enfrentando edições antigas e/ou manuscritas, destacando o que pode variar de acordo com a escrita, podendo modernizar expressões, construções, ortografias etc. Porém, se deve manter o respeito à língua e aos sentidos possíveis do tempo e do contexto do autor. Tal percepção é confirmada pela estudiosa Marlene Gomes Mendes no trecho abaixo:

Ela se ocupa do estabelecimento ou fixação de textos, ou seja, procura restabelecer o texto, tornando-o o mais próximo possível da forma original, ou seja, como se pensa que o autor escreveu. Para isso, deve verificar a autenticidade e a fidedignidade deste texto, prepará-lo para reprodução, restituindo-o à sua forma genuína. A execução desse trabalho envolve problemas variados e, às vezes, extremamente complexos, e pressupõe um apurado conhecimento da língua, da sua história e da tradição literária de uma época (MENDES, 2015, p.10).

Depois da breve apresentação da crítica textual, podemos passar para a próxima sessão que irá considerar o mesmo texto em diferentes versões.

Numa tentativa de deixar as comparações mais claras e simples, algumas imagens e comentários serão anexados ao longo da leitura. Vale ressaltar que selecionamos e comentamos trechos específicos que despertaram a nossa atenção. Haverá aqui uma reprodução do conto em sua versão original e na sua versão mais atual - procuramos deixar evidente apenas os pontos que apresentaram divergências. Analisando a primeira versão do conto, de uma forma mais geral, percebe-se que ele é disposto em forma de folhetim e o conteúdo é todo publicado na íntegra – os folhetins nesse momento ainda apareciam entre as colunas principais dos periódicos, e não separados em um espaço na base da página como começa a ser mais corrente na profissionalização da imprensa que aconteceu na virada do XIX para o século XX³. Diferentemente de outros contos ou livros em que capítulos eram postados semanalmente ou mensalmente, “O Espelho” foi reproduzido em sua totalidade em 8 de setembro de 1882 no periódico carioca *Gazeta de Notícias*.⁴ A primeira versão do conto já organizado juntamente com os demais no livro *Papeis Avulsos* ocorreu ainda em 1882 pela editora *Lombaerts & C.*⁵

³ Sobre o assunto, ver *História da Imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré (1966).

⁴ A *Gazeta de Notícias* foi um “Jornal carioca diário fundado em 2 de agosto de 1875 por José Ferreira de Sousa Araújo. Introduziu uma série de inovações na imprensa brasileira, como o emprego do clichê, das caricaturas e da técnica de entrevistas, chegando a ser um dos principais jornais da capital federal durante a República Velha [...] Inicialmente, a *Gazeta de Notícias* era dirigida por três diretores associados: além do fundador, chefiavam o jornal Henrique Chaves e Emanuel Carneiro. O objetivo do periódico no momento de sua fundação era lutar pela abolição da escravatura e pela Proclamação da República. Para levar a efeito esse propósito, Ferreira de Araújo reuniu uma equipe que incluía figuras de destaque na vida pública da época, como Quintino Bocaiúva, Silva Jardim e José do Patrocínio. Este último manteria no jornal, entre 1877 e 1881, a coluna “Semana política”, além de publicar vários poemas dedicados à princesa Isabel (Verbete CPDOC: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/gazeta-de-noticias>).

⁵ Era de propriedade do belga Jean Baptiste Lombaerts e seu filho Henri Gustave. A firma funcionou na rua dos Ourives de 1848 até 1904. A tipografia quase nunca editou livros, realizando apenas trabalhos de impressão por encomenda. Era importante encadernadora, com a maior litografia daquele tempo. Como comerciante, trabalhava principalmente com jornais e revistas importados. De 1871 a 1879, a tipografia produziu um suplemento português para acompanhar um dos principais periódicos importados, a revista francesa *La Saison*. A partir de 1879, passou a imprimir a edição brasileira da revista, com o título de *A Estação*. Machado de Assis foi um dos colaboradores do periódico (<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/tipografias/typographia-h-lombaerts-c/>).



O

ESPELHO

ESBOÇO DE UMA NOVA T⁶EORIA DA ALMA HUMANA

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no

Na versão mais moderna, de 2011, a pontuação é praticamente a mesma utilizada na versão de 1882, isso tanto na versão original que saiu na imprensa quando na 1ª versão do livro *Papéis avulsos*.

⁶ Percebe-se a diferença gráfica, uma vez que na figura temos a grafia *Theoria* em contraponto à *Teoria*, o uso da consoante *T* era bem comum antecedendo a vogal *E*, é comum observar em vários momentos do conto a ocorrência desse fenômeno.

⁷ O uso de *y* ao invés de *i* também fazia parte da ortografia da época. Assim com o *ph* em relação ao *f*.

debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

— Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão, tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal, e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, — uma conjectura, ao menos.

— Nem conjectura, nem opinião, redarguiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

— Duas?

— Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade; podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; — e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira: as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior daquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. “Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; é um punhal que me enterras no coração”. Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

— Não?

— Não, senhor; muda de natureza e de estado. Não aludo a certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse o Camões que morria, e o poder, que foi a alma exterior de César e de Cromwell. São almas enérgicas e exclusivas; mas há outras, embora enérgicas, de natureza mudável. Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde

uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora, — na verdade, gentilíssima, — que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a Rua do Ouvidor, Petrópolis...

— Perdão; essa senhora quem é?

— Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião... E assim outros muitos casos. Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as relato, porque iria longe; restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus vinte e cinco anos..

Os quatro companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia. Santa curiosidade! tu não és só a alma da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. A sala, até há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que concerta a ponta do charuto, recolhendo as memórias. Eis aqui como ele começou a narração:

— Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da guarda nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que esses perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de

revés, durante algum tempo. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos... Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, viúva do Capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Fui, acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o “senhor alferes”. Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o “senhor alferes”, não por gracejo, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI. Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-selhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos

— Custa-me até entender, respondeu um dos ouvintes.
 — Vai entender. Os factos explicarão melhor as cousas; os factos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um philosopho antigo demonstrou o movimento andando. Vamos aos factos. Vamos vêr como, ao tempo em que a consciencia do homem se obliterava,

ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madreperla e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom..

— Espelho grande?

— Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o “senhor alferes” merecia muito mais. O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

— Não.

— O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não?

O trecho destacado aqui é o único em que se observa uma mudança considerável no conteúdo do conto. Na versão mais atual e já na 1ª versão em livro percebe-se a frase “*Os fatos explicarão melhor os sentimentos*”, que difere-se bastante do texto original em que se diz “*Os fatos explicarão melhor as coisas*”. Semanticamente isso gera uma percepção um pouco diferente, já que ao dizer **coisas** há uma generalização, não se sabe ao certo o que os fatos explicarão. Ao se referir ao **sentimento**, restringe-se muito o que de fato será explicado, o ponto é a

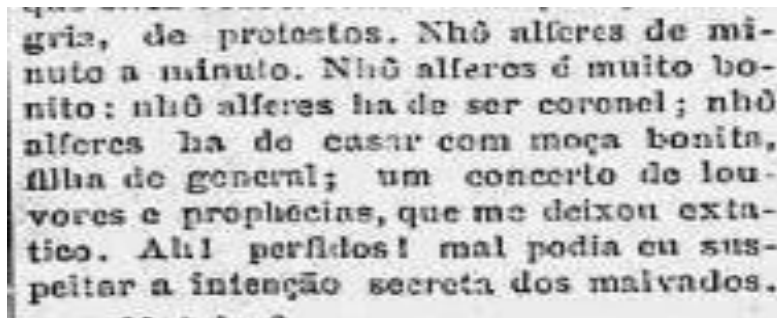
— **Custa-me até entender, respondeu um dos ouvintes.**

— **Vai entender. Os fatos explicarão melhor os sentimentos: os fatos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando. Vamos aos fatos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava,** a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas, se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. Adeus, sobrinho! adeus, alferes! Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela, e a mim que tomasse conta do sítio. Creio que, se não fosse a aflição, disporia o contrário; deixaria o cunhado, e iria comigo. Mas o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa. Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a

construção de um encadeamento narrativo em que o que importa são, seguindo o narrador, os afetos e não a racionalidade – isso se dá marcado pela oscilação do “Vai entender” que coloca em xeque o entendimento propriamente. O conflito entre o sentimento e a razão do personagem são centrais na tensão do conto de Machado de Assis.⁸

⁸ Curioso pensar que até esse trecho específico não havia tido nenhuma mudança em relação às diferentes versões. Ao avaliar a narrativa como um todo não se identifica de fato uma tendência emotiva forte no personagem principal envolvido na história, ou, melhor dizendo, existe uma espécie de convite ao leitor para abandonar-se à narrativa, perder, em alguma medida, seus limites racionais. O sentimento, por outro lado, não é tão palpável, o que parece importar para o narrador é certa imagem racional e digna que ele espera que as pessoas tenham dele e que ele de alguma forma tenta se convencer também. Mas o caráter sentimental precisa suplementar essa imagem para valer de fato, já que a explicação nunca será o acontecido: *A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada.*

intimidade doméstica interrompida. Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos.



Nhô alferes de minuto a minuto. Nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático. Ah! pérfidos! mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.

— Matá-lo?

— Antes assim fosse.

— Coisa pior?

— Ouçam-me. Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo, nada, ninguém, um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas,

No fragmento destacado chama a atenção o fato de não ter sido atualizado em sua versão mais moderna o pronome Senhor. Nota-se que aqui faz-se uma referência à forma como os escravos tratavam os senhores. O apagamento do *SE* e a nasalização presente em *Nhô* é uma demonstração do uso social dessa palavra bastante vinculada à escravidão. A escolha de não atualizá-la, que nos parece correta, traz uma leitura mais profunda e imersiva e revela um costume mais claro da época, ou traz, com efeito, uma forma de expressão daquela realidade histórica. Se de fato a intensão foi manter a expressão para que gerasse esse entendimento, não se tem certeza, mas certamente é um dado que contribui para a coerência estilística e para a atmosfera do conto.⁹

⁹ Pelo contexto social da época também se entende que os escravos eram aqueles que de certa forma validavam a condição de Jacobina, já que ele, com seu posto militar, sentia-se superior e mais forte perante os escravizados. Propositadamente ou não, ao reforçar a maneira que os escravos falavam é colocada a distância social e educacional dos personagens do conto, já que o uso “incorreto” do pronome demarca essa carência de estudo e torna-os, talvez, ainda mais submissos. O desdobramento do conto mostrará que os escravizados foram mais inteligentes que o narrador, e fugiram na primeira oportunidade.

e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior. Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela, para lhe dar a triste notícia, ou ficar tomando conta da casa. Adotei o segundo alvitre, para não desamparar a casa, e porque, se a minha prima enferma estava mal, eu ia somente aumentar a dor da mãe, sem remédio nenhum; finalmente, esperei que o irmão do tio Peçanha voltasse naquele dia ou no outro, visto que tinha saído havia já trinta e seis horas. Mas a manhã passou sem vestígio dele; e à tarde comecei a sentir a sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. O irmão do tio Peçanha não voltou nesse dia, nem no outro, nem em toda aquela semana. Minha solidão tomou proporções enormes. Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século, no velho relógio da sala, cuja pêndula, tic-tac, tic-tac, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei com este famoso estribilho: Never, for ever! — For ever, never! confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: — Never, for ever!— For ever, never! Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada. E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita ou mais larga. Tic-tac, tic-tac. Ninguém nas salas, na

varanda, nos corredores, no terreiro, ninguém em parte nenhuma... Riem-se?

— Sim, parece que tinha um pouco de medo.

— Oh! fora bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra coisa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: — o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono a consciência do meu ser novo e único, — porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava. Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso. Soeur Anne, soeur Anne, ne vois-tu rien venir? Nada, coisa nenhuma; tal qual como lenda francesa. Nada mais do que a poeira da estrada e o capinzal dos morros. Voltava para casa, nervoso, desesperado, estirava-me no canapé da sala. Tic-tac, tic-tac. Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros das janelas, assobiava. Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma coisa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases soltas, para intercalar no estilo. Mas o estilo, como a tia Marcolina, deixavase estar. Soeur

Anne, soeur Anne... Coisa nenhuma. Quando muito via negrejar a tinta e alvejar o papel.

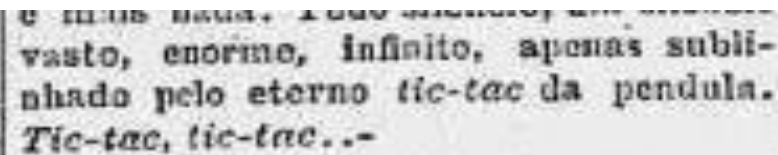
— Mas não comia?

— Comia mal, frutas, farinha, conservas, algumas raízes tostadas ao fogo, mas suportaria tudo alegremente, se não fora a terrível situação moral em que me achava. Recitava versos, discursos, trechos latinos, liras de Gonzaga, oitavas de Camões, décimas, uma antologia em trinta volumes. Às vezes fazia ginástica; outras dava beliscões nas pernas; mas o efeito era só uma sensação física de dor ou de cansaço, e mais nada. **Tudo silêncio, um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno tic-tac da pêndula.**

Tic-tac, tic-tac...

— Na verdade, era de enlouquecer.

— Vão ouvir coisa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque

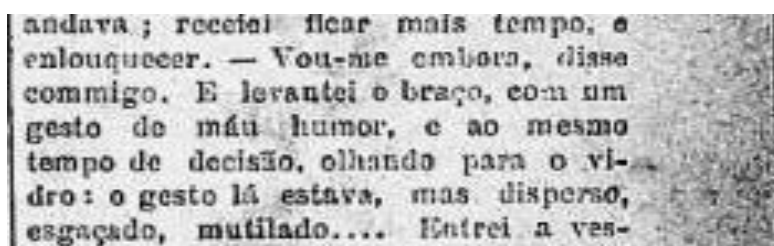


vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno tic-tac da pendula. Tic-tac, tic-tac..-

no fim de oito dias, deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não

Neste recorte nota-se uma sutil mudança na pontuação, mas que gera uma percepção diferente. Percebe-se que no trecho transcrito, presente na versão moderna de 2011 e na 1ª versão de 1882 em livro, o uso da reticência é prolongado endossando a ideia de que o barulho da pêndula é mais constante, repetitivo, o que gera uma sensação de looping e certo temor crônico do personagem. Já na versão original o trecho termina com um travessão, dando, ao que parece, a ideia de um badalar mais forte e intenso, porém com uma duração menor, o que causa um incômodo imediato, mas que se dissipa mais rápido – o trecho não é separado por linhas vazias antes e depois. Pode ter sido um erro de impressão, mas que de qualquer maneira gera um efeito de sentido um tanto diverso das reticências que foram consolidadas já primeira versão.

permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. — **Vou-me embora, disse comigo. E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado...**



Entreí a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, aflagindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa. De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos... Continuei a vestir-me. Subitamente por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me... Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha idéia...

— Diga.

— Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento... Não, não são capazes de adivinhar.

— Mas, diga, diga.

— Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a

Nos últimos trechos destacados, nota-se também uma sutil mudança na adaptação do conto. Na versão mais atual temos a seguinte frase “E levantei o braço com gesto de mau humor”, enquanto na versão mais antiga temos uma construção um pouco diferente “E levantei o braço, com um gesto de mau humor”. O “gesto de mau humor” parece ser uma espécie de condicionamento do braço com a vírgula na versão em folhetim, enquanto na versão consolidada também já na primeira versão em livro, sem a vírgula, fica mais claro o gesto como consequência do processo que o verbo levantar desencadeia.

figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este régimen pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir...

Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.

4.0 - Considerações finais

Retomando nosso objetivo, pretendemos no presente trabalho trazer comentários e informações sobre o autor, a coletânea, *Papéis avulsos*, e o conto para dar suporte a novos leitores de Machado de Assis, e, na parte final, fizemos uma comparação de versões com o intuito de entender como o texto se consolidou na forma atual. “O espelho” é um conto presente em muitas antologias escolares e pode ser, dependendo da mediação do professor, uma boa entrada para a obra do autor. Nós esperamos que este trabalho contribua nessa direção.

Este trabalho também buscou fazer um breve recorte da crítica sobre esse que é um dos grandes contos de Machado. Os contos do autor ainda não foram tão valorizados quanto os romances pela crítica e historiadores da literatura, mesmo esses sendo muitas vezes tão complexos e interessantes quanto.

Investigar edições de um mesmo texto permite aos leitores observarem como um texto escrito há mais de 100 anos foi produzido, como foi publicado, como participou, ou não, da imprensa e daquele contexto editorial específico, perseguir o percurso de consagração do autor etc. Vale destacar que um estudo filológico, ainda que em chave modesta nos limites de uma monografia, foi importante para resgatar de maneira mais viva tanto o autor quanto seu tempo.

Algo que surpreende na comparação das versões desse conto é que ele nasceu praticamente pronto na sexta-feira do dia oito de setembro de 1882 nas páginas da “Gazeta de Notícias”. Fora a atualização ortográfica natural, muito pouco foi modificado em relação à versão consolidada. Diferente de “O alienista”, do mesmo *Papéis avulsos*, que perdeu trechos relativamente longos na versão final, “O espelho” teve as quase insignificantes, comparativamente, modificações que pontuamos e comentamos acima.

Referências Bibliográficas

ARANHA, Graça. (Org.). *Introdução. In: Machado de Assis e Joaquim Nabuco: correspondência*. 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2003.

ASSIS, Machado de, 1839-1908. *Papéis avulsos / Machado de Assis; introdução de John Gledson; notas de Hélio Guimarães*. – São Paulo : Penguin Classics Companhia das letras, 2011. Ed Schwarcz S.A. 2018.

BLOOM, Harold. *Gênio: Os 100 autores mais criativos da história da literatura / Harold Bloom; tradução: José Roberto O'shea* – Rio de Janeiro : Objetiva, 2003. – 826p. Acesso em 30-06-2022

CARDIM, L. A filologia segundo Erich Auerbach. **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**, v. 28, n. 55, p. 9-38, 26 jan. 2021 . Acesso em 13-01-2021

FRANCA, Sandra Mára da Silva. **Machado de Assis: uma edição crítica de "O Alienista" com ensaio introdutório: "O Alienista, ou do Objeto Inapreensível"**. 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/D.8.2013.tde-24012014-111506. Acesso em: 2022-01-14.

GLEDSO, J. **Machado de Assis: ficção e história**. 2. ed revista e ampliada ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. Acesso em 30-06-2022

GUIMARAES, Hélio de Seixas *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19 I Hélio de Seixas Guimarães*. - Campinas, SP: [s.n.], 2001. Acesso em 20-02-2022

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução, Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira, Geraldo Gerson de Souza. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2005. Acesso em 15-05-2022

MACHADO, Ricardo Batista. *O realismo e o sentido de unidade em Papéis avulsos, de Machado de Assis*. Brasília, 2017. 174f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Literatura, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31023/1/2017_RicardoBatistaMachado.pdf . Acesso em 10-12-2021

MENDES, Marlene Gomes. *Crítica textual: volume 1*. / Marlene Gomes Mendes, Silvana dos Santos Ambrosoli. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2015. Acesso em 13-01-2021

MEYER, Augusto. Machado de Assis (1935-1958), Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, Corag, 2005. p,47 . Acesso em 10-12-2021.

OLIVEIRA, Bianca Silva Médice de. O valor da ascensão social: o Brasil do século XIX diante do espelho em Papéis Avulsos, de Machado de Assis. 2018. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2018. Acesso em : 12-01-2022

SANSEVERINO, A. M. V. "O espelho": metafísica da escravidão moderna. **Literatura e Sociedade**, [S. l.], v. 15, n. 13, p. 104-131, 2010. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i13p104-131. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/64087>. Acesso em: 10-12- 2021

SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. Acesso em : 24-06-2022

Artigos e links virtuais

1. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (usp.br) - Papéis Avulsos (1882), de Machado de Assis: Acesso em 11-05-2022
2. GAZETA DE NOTICIAS | CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (fgv.br) : Acesso em 16-05-2022
3. Machado de Assis - Vida e Obra disponível em machado.mec.gov.br - Acesso em 08-12-2021.
4. Machado de Assis | Academia Brasileira de Letras - ABL - Machado de Assis : www.machadodeassis.org.br : Acesso em: 08-12-2021.
5. Roberto Schwarz – A Vira Volta Machadiana – Disponível em www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=107303 : Acesso em 18-05-2022